
ENUNCIACÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da
UFRRJ

Linguagem — que é isso? Como?

Gilvan Fogel*

Resumo : Ser-aparecer perfaz real, realidade. Linguagem como a articulação de uma realidade (aparecer) possível. Realidade-linguagem como o irromper de *uma* dimensão, de um horizonte (interesse, perspectiva, *mundo*), enfim, de um “lógos”, isto é, de uma linguagem possível e enquanto tal. I-mediatemente, nenhuma linguagem é símbolo, simbólica. A *experiência* ser-aparecer, linguagem-realidade, põe a *evidência*, segundo a qual realidade e linguagem perfazem um único e mesmo ato, um único e mesmo acontecimento — o *instante* (a irrupção) vida-existência.

Palavras-chave: Linguagem, realidade, aparência, sentido, participação.

Zusammenfassung : Sein-Schein macht das Wirkliche, die Wirklichkeit aus. Sprache als die Zusammensetzung einer möglichen Wirklichkeit (*Schein*). Wirklichkeit-Sprache als das Springen einer möglichen *Dimension* (Horizont, Interesse, Perspektive, *Welt*) heraus, d.h., eines möglichen *Lógos* (Sprache). Unmittelbarerweise, keine Sprache zeigt sich als Symbol — sie ist nicht *symbolische*. Sein-Schein-Erfahrung setzt zugleich die *Evidenz* aus, nach der Wirklichkeit und Sprache ein einziger und selber Aktus (Ereignis), ein einziger und selber *Augenblick* ausmachen— das *Urphänomen* (der Einbruch) Leben-Existenz.

Stichworten: Sprache, Wirklichkeit, Schein, Sinn, Entsprechen (Partizipation).

1. Que é linguagem? Fala-se, escreve-se e, assim, diz-se, se é ou se está na linguagem, com a linguagem. Digo ainda, p.ex., a dança é linguagem. A música é

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ. E-mail: gilvanfogel@gmail.com

linguagem. Idem a pintura, a filosofia, a ciência, a literatura (as *Letras*), o esporte, de modo geral — a religião.

Pergunta-se: o que é linguagem? O que há de comum entre estas dimensões ou horizontes vitais, existenciais, (fala,dança, música, pintura, etc.etc.) para que se denomine, se possa denominar cada uma destas dimensões ou cada um destes horizontes de linguagem? Na dança, na música, na pintura, p.ex., o elemento linguagem não é a palavra, seja falada, seja escrita. No entanto, se chamo a cada uma destas dimensões ou modos de ser de *linguagem*, então, há *algo*, um *modo de ser*, em comum, que as reúne, *enfeixa*, isto é, *subsume*, num “*Inbegriff*”, a saber, linguagem.

O *comum* é justamente o fato que cada uma das referidas “linguagens” se caracteriza ou se mostra como *dimensão* ou *modo de ser de vida, de existência*. São *verbos* no/do viver ou existir. Este deve ser o ponto de partida. Assim sendo, uma linguagem começa por se caracterizar como um horizonte, uma dimensão ou um modo possível de ser de vida. Mas o que significa, o que quer dizer isso? Tal modo de ser é um modo possível de realidade mostrar-se, aparecer, isto é, fazer-se realidade. E isto quer, ainda, dizer: realidade não é a realidade, mas *modos possíveis* de realidade aparecer, mostrar-se, isto é, *se fazer*. Há, pois, muitas realidades, há inumeráveis realidades, uma vez que muitos e inumeráveis modos de aparecer ou fazer-se de vida, de existência — de vida, de existência aparecer, mostrar-se, isto é, *vir à fala*. *Vir à fala* não está se referindo ao aparelho fonador, ao emitir sons articulados, ou seja, ao falar propriamente. Não. *Vir à fala* está tão só dizendo: mostrar-se, aparecer, *tornar-se visível* — para quem tem olhos de ver, ouvidos de ouvir... Em suma, há muitas realidades possíveis, quer dizer, há muitas, inumeráveis *linguagens*, pois muitas, inumeráveis realidades.

Uma linguagem, assim, se revela como um *sentido condutor*. “Sentido condutor” é um pleonasma, pois sentido é condução (orientação), é um *ducto* (i.é, condução, de “*ducere*”, levar, transportar, conduzir) —talvez, um *con-ducto*, pois o con-crescimento de linguagem (sentido, *lógos*) e *coisa*, de linguagem e real. Tal sentido, então, se faz um condutor e um pro-motor de vida, de existência — isso e assim é linguagem. Condutor, promotor, quer dizer, via, caminho do aparecer, mostrar-se e fazer-se vida da vida, da existência. Na verdade, o horizonte, a dimensão, que se constitui no âmbito, no *espaço* de realização de realidade. Lugar e hora do real, de toda e qualquer realidade possível. Pode-se

ainda dizer: assim, linguagem é o *medium*, o *elemento* do real, de toda realidade possível. A estrutura ou a *forma* (= gênese ontológica) do expor-se ou realizar-se de realidade e a estrutura ou a *forma* de linguagem coincidem — ou seja, coincide com sua estrutura ou forma de exposição, aparição, concretização, pois isso e assim é, *dá-se, faz-se realidade*. Na verdade, são uma e a mesma *coisa* (linguagem e realidade na sua realização —melhor, *na sua gênese*, entendida como insistente, *persistente* geração).

2. É preciso considerar-se que linguagem, na sua fundação ou na sua gênese, não se determina como símbolo — como um sistema codificado e convencionado (acordo prévio e tácito) de sinais e de remissão (referência) de sinais. Ela torna-se, ela vem a ser isso, a saber, sistema de referência, no uso, na *comunicação*, mas, na verdade, quando linguagem assim se define, a saber, como sistema de sinais ou de símbolos codificados e convencionalmente *fixados*, é quando já se estereotipou, se esclerosou a dimensão vital, o verbo do/no viver, existir, a qual ela é. Ou seja, estereotipou-se ou esclerosou-se o seu (do real, da dimensão) jogo de aparecer, mostrar-se, fazer-se ou tornar-se visível (= real). Na sua fundação ou gênese, como já se disse, linguagem e realidade coincidem perfeitamente, ou seja, linguagem é o modo como o real, *esta* dimensão do real ou *este* real aparece, se faz, se mostra. A esclerose ou a estereotipia do real e a esclerose ou a estereotipia da linguagem é uma única e mesma *coisa*, um único e mesmo fenômeno.

3. Mas, então, se, originariamente, não é símbolo ou *recado dos símbolos* (F. Pessoa), como se dá, como se faz linguagem *in statunascendi*, isto é, em sua gênese ou geração fontal, inaugural, que é a *hora* da coincidência linguagem(sentido)-real? A formulação não é boa, uma vez que não se trata de coincidência *entre* linguagem e (+) real. Se assim for entendido, tende-se a se entender e a se estabelecer dois níveis ou dois estratos (planos) —o do real e (+) o da linguagem. Este é o *fundo* da referência, do símbolo. Não é, porém, isso e assim, pois real é sua linguagem e *esta* linguagem é *este* real, esta realidade, no seu aparecer ou mostrar-se e *como* este aparecer ou mostrar-se. Mas, de novo, como se dá, como acontece linguagem *in statunascendi*, na sua congruência, melhor, na sua *mesmidade* com real, quando real-linguagem constituem um único e mesmo *ato*, um único e mesmo *acontecimento*? Então acontece, faz-se ou dá-se *participação vital*. Nesta participação coincidem (se *mesmam*) a geração de real e o ato ou o acontecimento de seu aparecer como tal, a saber, a linguagem, a *sua* linguagem na *sua* realização ou realizada,

concretizada. Ser é aparecer. A clareza quanto a esta participação, quanto a este único e mesmo acontecimento ou ato, o *ver* nitidamente tal acontecimento *em si mesmo ou como tal* — tal clareza constitui-se no pensamento que, porque vê (isso, o ver que vê gênese, aqui, é pensar), festeja, celebra a linguagem e o real como o mesmo ato ou acontecimento. Pensamento, assim, constitui-se na festa da linguagem como festa do real. Entenda-se: festa ou celebração de sua(s) irrupção(ões), de seu(s) nascimento(s). O pensamento, isto é, o *ver* isso e assim, constitui-se em celebração, em comemoração —sim, *festa*. Ao assim se entender, em vista tem-se, sempre, o fragmento 112, de Heráclito¹.

4. Mas, voltando e retomando. Linguagem e real se co-pertencem ou são co-originares uma vez que se co-fazem desde ou por obra e graça de participação vital. Que é isso? Como? É vital uma vez que perfaz o próprio de vida. O próprio, quer dizer, linguagem é (um) constitutivo ou da textura própria de vida, da humana existência — co-pertence à vida, à existência, quer dizer, não há vida que não seja *dimensional*, desde e como uma dimensão ou modo de ser (interesse, sentido, *mundo*). E que próprio ou *propriedade* é essa? Isso se dá ou acontece em razão (por obra e graça de, graças a) do modo de ser ou da dimensão de *abertura* do homem, da vida humana, ou seja, o fato de ser o homem o vivente tocável (= aberto), ou seja, tomável, afetável por real e já desde real, isto é, sempre já *dentro*, *desde dentro*, *inserido*, em *inserção* (= círculo, *natureza* súbita e circular *ou salto*). Tocado pelo *real*? Não, se se entende real no sentido coisista ou objetivista (*entitativo*), uma vez que, na verdade ou de fato, é-se tocado por um *sentido*, a saber, *lógos*, linguagem. O sentido, pelo qual se é tocado ou tomado (afetado), uma vez que, já ficou dito, o homem não é tocado ou tomado, i-mediatamente, por *coisa* e *coisas* (entitativa ou *objetivisticamente*), mas por um sentido (*lógos*, inter-esse, *mundo*), *que põe*, *que mostra coisa e coisas como esta(s) coisa(s)*. Coisa só é coisa, *esta* coisa, porque (por obra e graça de, graças a) *já é um sentido, um lógos, ou seja, uma linguagem no e como modo de ser, de aparecer*. Portanto, o que nos toca, nos afeta, é *sempre já* um sentido (= *logos*, linguagem) e por isso, *só por isso* (por causa de, melhor, *graças a*) real é real, coisa é coisa, ou seja, o real aparece ou mostra-se *como este real*, a coisa *como esta coisa*. O que

¹ “Pensar *saudável*(*bem, o bom*) é a maior excelência (“areté”, virtude, *per-feição*) e a sabedoria consiste em, ouvindo/seguindo geração e gênese (“phýsis”), mostrar (“légein”, dizer) desabrochamento (“alethéa”, revelação, descobrimento) e assim, igualmente, *fazer/agir*”. (trad. *pot-pourri*)!

eu vejo, o que aparece e se mostra como *o que está na cara*, é sentido (linguagem) compactado, espessado, quer dizer, concretizado ou realizado — e, *por isso*, também já dissimulado, retraído.

5. *Participar* é ser nesta e como esta amarração, implicação, *relação*. Participação ou consanguinidade com o acontecimento real-linguagem, quer dizer, real e sentido (= linguagem, *lógos*) se dando, se realizando, se ex-pondo *como* sentido, como *este* sentido. Assim, linguagem é a ex-posição de sentido (= *lógos*). Ex-posição, no entanto, é articulada, *composta*, integrada, reunida [o reunido em um (Heráclito), *no e como um*, a saber, o próprio sentido, a própria linguagem] e, então, ex-posição está dizendo, co- ou sub-dizendo, *articulação* e articulação é dinâmica de diferenciação/alteração do mesmo, a saber, do sentido, do *lógos*(do *um*), de linguagem. Mas isso e assim é o real se realizando — na, desde e como sua própria gênese ou *in statunascendi*. Portanto, tem-se assim a *forma* do real enquanto e como real, de tudo quanto aparece e se dá, tal como se dá e/ou aparece.

6. O *bom* dizer e falar é o dizer e o falar que se fazem sintonizados e sincronizados com esta participação. Na verdade, que *é esta participação* ou o *sistema*, a *composição* real-linguagem. Ou seja, é participar da participação ou ver-sentir participação *como* participação — ver/ter participação enquanto tal. Fora disso ou *sem* isso a linguagem se faz, melhor, *pode* se fazer ou tornar-se sinal, símbolo — elaboração mental, intelectual, *lógica*². Ou, o que é a mesma coisa, taramelagem, tagarelice. De modo geral, isso é o que *geralmente* acontece, se dá, na comunicação. Tal modo de ser não é falso, errado — mas, por ser tardio ou secundário (decaído, decadente), isto é, *segundo*, não pode, não tem o *direito*(= *razão!*) de reivindicar ser o primeiro, o primário na linguagem, o essencial ou fundamental da linguagem.

Dissemos: o *bom* dizer e falar é o sincronizado e sintonizado com a participação que se é, no modo de ser que a participação se dá (abre) ou se faz no nosso dizer e como o nosso dizer e ser. O *bom* dizer é co-partícipe da dimensão, do interesse, do modo de ser (= sentido, *logos*), que se é — *por isso, graças a isso ele mostra, faz ou torna visível*. Mas, cuidado! Atenção! Tal participação ou consanguinidade não é *consciente, representada* clara e distintamente. Fosse assim e, certamente, sequer fala ou dizer haveria, se daria, pois

² Este é o *plano*, a *esfera*, da linguística, da(s) ciência(s) da(s) linguagem(ns) e da(s) gramática(s).

já teria acontecido paralisia, esclerose — esta é a *obra da representação, da consciência...* Tentemos formular e esclarecer um pouco.

7. Linguagem poética. Melhor, *poiética*, de *poiesis*. Isto é, a linguagem criadora, geradora. Não é específica e estritamente a linguagem dos *poetas* e na forma ou formato canônico de *versos, rimas, métrica*, etc., etc... Principalmente, nada de coisa *sentimental*, às vezes melosa. Assim sendo, toda linguagem, antes, todo dizer que realmente diz, isto é, que mostra ou faz visível — tal linguagem, tal dizer é sempre poético, *poiético*. Em tal modo de dizer e fazer estão incluídos Homero, Goethe, Hölderlin, Balzac, Flaubert, Cabral de Melo Neto, Drummond. Também Platão, Aristóteles, Kant, Hegel, Heidegger, Nietzsche... Iguamente artistas plásticos — pintores, escultores, bailarinos. Cientistas fundadores — Galileu, Newton, Einstein, Heisenberg...

Como se faz este *dizer*, que o torna um *mostrar*, que o faz *poiético* (“poiesis”)? É uma linguagem, uma poética, que cresce e se faz sintonizada e sincronizada, portanto, *partícipe*, com a dimensão (abertura, sentido, *mundo*) que é a sua própria. Sua força, seu poder revelador ou instaurador está nesta participação, nesta *consanguinidade*. Isto perfaz *experiência*, pois por uma tal abertura ou sentido (*lógos, mundo*) se é tocado, tomado³. Mostra, torna visível *porque* é experiência (*páthos*), *graças à* experiência (*páthos*). A experiência é que mostra, revela. Ela é *evidência*. Experiência está, pois, dizendo *páthos*. Ser tomado, atravessado e, assim, *conduzido* (o *conducto*) por um modo de ser, por um *sentido* — é isso ainda o dar-se e fazer-se de experiência. Este sentido, que é aparecer e fazer-se sentido, é gênese, gênese de real, de realidade. Portanto, é geração e gênese de realidade à medida que *auto-exposição* de sentido. Ou seja, é *vida*.

A fala ou o dizer que se faz desde e como experiência, que é partícipe de sentido, constitui-se num único e mesmo ato ou acontecimento com a instauração de real, de realidade.

Assim vista e entendida, linguagem, *originariamente*, não é simbólica, pois seu dizer não é nenhum sinal que remete a alguma outra *coisa* ou instância (o real!) que seja ou esteja *fora* dela. Sim, linguagem, assim vista e entendida, não é referência, *recado* do ou

³ À medida que se é tocado e tomado, não se tem, i. é, *eu não tenho* tal *páthos* (não sou o dono ou o autor, a causa dele), mas, como todo *páthos*, ele é que nos (me) tem e assim se faz *orientação, condução*, enfim, *sentido*. Portanto, nada *consciente* ou *representado*. Esse modo de ser *garante* e *pontua* a fluência e a espontaneidade vitais. Assim faz-se, *i-mediatemente*, todo sentido, toda linguagem.

para o real, do e para quem quer que seja, mas o próprio real se realizando, na sua realização. Linguagem, em sendo experiência enquanto e como participação no sentido (*lógos, mundo*), é geração e gênese. Um único e mesmo ato ou acontecimento com real, com realidade. Uma rara evidência, uma rara experiência, própria à criação. E isso pode ser acenado, apontado, insinuado, mas realmente *ver*, realmente *ter ou fazer* tal experiência, só cada um, à medida que este *um* se dispõe, à medida que este *um* se mostre um *homem de boa vontade...* Aponta-se, acena-se e, então, *convida-se* a tomar parte, a participar. Convida-se para a festa, para o banquete, mas o convidado precisa *fazer*, quer dizer, precisa dispor-se a jogar o jogo. Sem isso, nada feito!

8. Silêncio. A linguagem essencial, a que é desde e como experiência e participação, é *cheia* de silêncio. *Cheia*, isto é, toda atravessada, perpassada de silêncio. Enfim, toda *feita* de silêncio. Quando se diz *cheia* de silêncio, este *cheio* está falando de uma linguagem toda feita de escuta, desde escuta, como escuta — escuta de silêncio, ao silêncio. Silêncio, assim, não é fechar-se e emudecer, mas uma atividade, que se revela como o parado da escuta, como disposição de escuta. Pôr-se à escuta, recolher-se e, assim, *inteiriçar-se* em escuta. Assim, só assim se faz um dizer instaurador, fundador, isto é, realizador de realidade, pois na escuta, desde escuta e graças à escuta, o sentido (a força, o interesse, o *logos*, o mundo) é *repetido, re-tomado*, em se diferenciando, em se alterando ou em vindo a ser outro no dizer e como dizer. Portanto, no silêncio, desde silêncio, cava-se o espaço, o lugar ou a instância de ou para a escuta de sentido, quer dizer, de seu revigoramento, de revitalização do sentido retraído, da força recolhida. Sentido este que é a força de todo falar, de todo dizer, e que precisa sempre ser retomada, *relembrada*, pois em todo falado e dito o sentido, a força, já se retraiu, já se fez ausente e, assim, até *perdido(a) e esquecido(a)* e, então, por isso, *precisa* ser retomado(a), revigorado(a) — *relembrado*. E tal se dá ou se faz na escuta e desde escuta — *graças à escuta*. A fala de escuta não é, pois, evocação de misticismo, não é nenhuma estranha *conexão* com nenhum estranhíssimo *além*(*entidades, iluminação*), mas fala da abertura e da disposição justamente para a abertura ou disposição, isto é, para o sentido (o *lógos*, o *mundo*, a *força*) que se é, da ou desde a qual (abertura) a linguagem é fala, é exposição. Desde silêncio e escuta, *graças* ao silêncio e à escuta, a linguagem, o dizer não se torna falatório, tagarelice — *ou* intelectualismo, formalismo

(lógica, linguística, as epistemologias, as filosofias das linguagens), o que é a mesma coisa. Estelionato vital-existencial.

Assim sendo, só a linguagem que é tal silêncio e tal escuta e, na escuta e no silêncio, revigoração da *experiência de sentido, de linguagem* — só tal linguagem se faz realmente dizer, isto é, *mostrar, tornar visível*. Só assim faz-se um ou o “dar a ver” da poesia (*poiesis*), na cunhagem de João Cabral de Melo Neto⁴. O dizer ou mostrar, como já se disse, é o movimento de alteração ou diferenciação do sentido que se repete, que *deve, pode e precisa* se repetir graças ao silêncio na escuta, da escuta. Há que fazer-se, cavar-se silêncio como o lugar e o espaço da escuta, da *(re)incorporação* do sentido, ou seja, da retomada da força realizadora ou de gênese. Consanguinidade *entre* real e dizer, *entre* realidade e linguagem.

9. Silêncio e escuta perfazem corpo, *é (são) corpo*. Na verdade, *vida*. A vida que o homem é. A vida que, no homem e desde o homem, se faz vida. Mas que é, como é corpo, para que silêncio e escuta o perfaçam? Corpo, claro, está falando de corpo humano. O corpo que o homem é. Cachorro, grilo, não têm, não são corpo. A pedra e a alface também não. Este corpo humano coincide com vida, com a irrupção de vida, da vida — mas como? Não vida como fenômeno biológico (bioquímica, biofísica e bio-fisiologia) — isso tudo é tardio, secundário. Aqui, em questão está nada de laboratório e de lâmina no microscópio, no instituto de biofísica, de biotecnologia —isso é tardio, secundário. Mas... o quê? É enquanto e como vida, em sentido arcaico-originário, quer dizer, como, *de repente*(salto),*ser-estar*(*ver-se, dar-se conta*) no *sentido de ser*; como, de repente, o irromper, com o saltar de *existência*, que silêncio e escuta perfazem corpo. Portanto, vida

⁴ Cf. Cabral de Melo Neto, J., por exemplos: *Máquinas de Vera Mindlin, Exceção: Bernanos, que se dizia escritor*, em *Museu de Tudo; A Pedra do Reino, De volta ao Cabo de Santo Agostinho e Autocrítica*, em *A escola das facas; A sevilhana que não se sabia, Cidade viva, O ‘aire’ de Sevilha*, em *Sevilha andando*. No livro de Félix de Athayde, *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*, Nova Fronteira/FBN/UMC, Rio de Janeiro, 1998, que reúne diversas entrevistas de João Cabral, aparece com frequência esta referência à poesia como um “dar a ver”, “donner à voir”, expressão, creio, tomada de Paul Valéry. E aqui não se pode deixar de lembrar a concepção da arte, em Paul Klee, segundo a qual “arte não reproduz o visível, mas faz, torna visível” — “Kunst giebt nicht das Sichtbare wieder, sondern macht sichtbar”. Na, desde e como participação (vital), *consanguinidade* (i. é, em sintonia e sincronia com o *tônus*, com o *tempo*, com a força ou o sentido fundador/instaurador), quer dizer, na instância de fundação da linguagem, de toda linguagem, então, esta se revela, se mostra ou faz-se visível como “dar a ver”, como “fazer, tornar visível” — “donner à voir”, “sichtbar machen”. Então, a linguagem aparece, se mostra ou se revela (se dá a ver, se faz/torna visível) para si mesma *como* linguagem, ou seja, como dar a ver, tornar visível — e assim se faz o pensamento da linguagem, isto é, o *ver* a linguagem *desde* a própria linguagem e *como* linguagem. Isso constitui propriamente a *experiência da linguagem*.

no sentido banal de, de repente, ver-se, sentir-se jogado *na vida, vivendo, existindo*, isto é, o de repente dar-se conta aí, sendo ou estando aí — *na vida*. Nisso, dentro disso, em se vivendo, em vida se fazendo, o que está se fazendo é corpo. *O corpo vive*.

Corpo, portanto, é chamado o (ao) acontecimento súbito, i-mediato que é a vida, entendida como a irrupção (salto) do homem — a *hora* do despertar (irromper, saltar) do homem. Há uma hora, uma *outra* hora em que o homem vê isso — vê este acontecimento nele mesmo ou como tal. Este instante, este acontecimento, marca a *hora* em que o homem acorda para o homem, para a vida — para homem e vida como tais. Isso marca, marcou o nascer da filosofia, do pensamento ocidental. Este *ver*, o desta hora, é o ver que vê como fenômeno único o que costumamos dizer separada e opostamente como corpo *e(+)*alma, corpo (matéria) *e(+)*espírito, sensação (corpo)*e(+)*razão, etc, etc. Mas, não! O instante do ver, a fundação do acontecimento homem, vida, é o dar-se, num único e mesmo ato, de *nous e aisthesis*, de *percepção (ver/aparecer)* e de *sensação (sentir)* — enfim, *vida* (“Leben”), enquanto e como *corpo* (“Leib”). Melhor, pura e simplesmente *vida*, vista, entendida como a irrupção deste acontecimento *nous/aisthesis, percepção/sensação*. Enfim, o ato que é ver-sentir-pensar. Ou, se se quer, pura e simplesmente o acontecimento, a irrupção *corpo* (corpo-vida, vida-corpo), também na necessária suposição que corpo é só e exclusivamente corpo *humano, do homem, no homem*. Só o homem *tem* corpo, é corpo, ou seja, *só ele vive*, só ele *é vida*, pois é nele e só nele que vida aparece, se mostra, *acontece ou irrompe* como vida, isto é, *como tal*. *Fora* do homem, vida nem é e nem não é. O que não quer dizer que o homem seja a *causa* da vida, o *autor* de vida. Não. Mas é o único vivente que está, que é no sentido de vida (de ser) e, por isso, cabe, precisa, *guardar, resguardar, cuidar ou zelar* por tal sentido, por tal modo de ser. O irromper, o acontecer de homem, este é o desconcertante, o extra-ordinário acontecimento. *O* acontecimento, *a* irrupção, *o* salto. Começo, *Anfang, arché*. *Fora* desse acontecimento há nada, dá-se nada — aliás, nem nada há, *pode* haver, ser, dar-se.

A separação em funções sensoriais, *corporais*, e (+) funções *cognitivas* ou intelectuais (anímicas, espirituais, etc.) — isso é uma abstração (no caso, uma falsificação) e *coisa* de almoxarife, de arquivista no almoxarifado ou no arquivo geral da pesquisa erudita, intelectualista, que, ao perder a visão/intuição do acontecimento i-mediato, arcaico-originário ou fundador da humanidade do homem, então, já em desespero e à Napoleão,

divide (corta, separa) para dominar, pois sobre esta irrupção, sobre este salto ou este proto-acontecimento (“Urphänomen”, “proto-fenômeno” ou *fenômeno arcaico-originário*, fundador, numa expressão-formulação de Goethe) não se tem, *não se pode ter* nenhum controle. Nenhum *direito* a tal controle. Quando, porém, não se é movido por este *élan*, quando não se é arquivista ou almoxarife na/da ciência da linguagem (da lógica, da linguística), então, é outra a musa... e a música! E, como se diz, há que se dançar conforme a música — a música fundadora. No mesmo ritmo, no mesmo compasso. Afinado, compassado. Consanguíneo.

Referências Bibliográficas:

Heidegger, Martin. *A caminho da linguagem*. trad. Marcia Chehab de Sá Cavalcante, Petrópolis. ed. Vozes, 2015.

_____. *Der Weg zur Sprache*. In: *Unterwegs zur Sprache*. Tübingen: Neske, 1979.

_____. *Logik als die Frage nach dem Wesen der Sprache, sommersemester*. Frankfurt-am-Main Vittorio Klostermann Verlag, 1998.

_____. *Was heisst Denken?* Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1971

_____. *Zur Sache des Denkens*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1976.

Recebido em: Janeiro de 2022
Aprovado em: Março de 2022